

UBS BB descarta novas empresas na Bolsa no curto prazo

CEO da instituição afirma que valor depreciado de ações e manutenção de juros nos EUA representam obstáculos a IPOs

O Estado de S. Paulo · 13 Maio 2024 · B11 · BRUNO ANDRADE E-INVESTIDOR

O UBS BB vê um cenário incerto para novas ofertas iniciais de ações (IPO, na sigla em inglês) no Brasil enquanto a Bolsa estiver “barata” e o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) não começar a cortar as taxas de juros nos EUA. “Para fazer um IPO nesse cenário, teria de ser com algum desconto, porque o investidor quer comprar algo para performar bem. E se as empresas abrem o capital com a ação muito barata, elas devem ter algum investimento melhor, o que é complicado de acontecer em um cenário de juros em dois dígitos”, afirma Daniel Bassan, CEO do banco de investimentos.

Segundo ele, neste momento o empresário prefere esperar e continuar com seu crescimento orgânico, em vez de abrir capital na Bolsa. O executivo vê o mercado acionário brasileiro descontado após o Ibovespa acumular até aqui uma queda de 4,91% no ano. O principal indicador da Bolsa foi de 134.185 pontos, no último pregão de 2023, para 127.466 pontos no fechamento da sexta-feira passada, dia 10.

Os preços atuais da Bolsa refletem, em grande parte, a frustração do mercado com o adiamento do início do ciclo de queda de juros nos EUA. A expectativa era de que tal movimento começasse em março, o que abriria espaço para o recuo de taxas no mundo todo – inclusive, com aceleração dos cortes da Selic, a taxa básica de juros no Brasil. Porém, a realidade ficou distante disso.

O mercado esperava uma desaceleração da inflação americana, mas o mais recente Índice de Preços ao Consumidor (CPI, na sigla em inglês), relativo a março, subiu 0,4% ante fevereiro, acima da mediana dos analistas consultados pelo Projeções Broadcast, que previam alta de 0,3%. O mesmo ocorreu com as vendas no varejo nos EUA, que saltaram 0,7% na mesma base de comparação, enquanto o consenso reunido pela FactSet apontava para alta de 0,4%.

Atualmente, a taxa de juros nos EUA, chamada de Fed Funds, se encontra entre 5,25% e 5,5% ao ano; já os juros no Brasil, após a decisão da quarta-feira passada do Comitê de Política Monetária (Copom), está em 10,50% ao ano.

REVISÃO DE PROJEÇÕES.

Bassan observa que a manutenção dos juros no atual patamar nos EUA pode complicar a queda mais acentuada da taxa brasileira. Ele lembra que o próprio UBS BB projetava uma Selic de 8,5% no fim de 2024; agora, essa estimativa tende a mudar, visto que um juro maior nos EUA implica redução mais lenta das taxas no Brasil.

Ele explica que a lentidão na queda de juros no Brasil deve acontecer para a economia doméstica manter uma boa distância para a taxa americana, pois, do contrário, o investidor estrangeiro vai preferir o dólar ao real, o que tende a causar uma fuga de capital para o exterior. Um movimento como esse deixaria o dólar valorizado na comparação com a moeda brasileira, o que, conseqüente, provocaria inflação no País.

“Com essa expectativa de que os juros demoram mais a cair aqui no Brasil, vejo que a volta de algum IPO ficou um pouco postergada. Talvez para o segundo semestre, no quarto trimestre ou para o ano que vem”, diz. “Depende muito de onde o cenário americano vai parar, mas a única coisa que dá para dizer é que o cenário está incerto”, afirma Bassan. A Bolsa, portanto, deve fechar o seu terceiro ano seguido (2022, 2023 e 2024) sem um IPO de grande impacto, após a febre de oferta iniciais de ações registrada em 2020 e 2021. Nesses dois anos, a B3 registrou 74 IPOs, sendo 28, no primeiro ano, e 46 no segundo. O mercado atribui esse forte volume às condições econômicas da época, principalmente porque a Selic se encontrava em 2% ao ano. Por outro lado, alguns analistas ressaltam que grande parte das empresas estreadas não tinha condições de ir à Bolsa e apenas realizou seus IPOs pelos benefícios que o patamar de juros daquele momento oferecia. O CEO do UBS BB, no entanto, tem uma visão diferente. Ele afirma que o ocorrido reflete uma espiral negativa devido ao rápido movimento de alta de juros, quando a Selic pulou de 2% para 13,75% ao ano. A disparada reduziu a atividade econômica, mas também pressionou o endividamento das empresas que financiaram o seu próprio crescimento na época das baixas taxas.

“Foi uma não concretização de expectativa de crescimento que aquelas companhias tinham. Com isso, houve um círculo vicioso: o crescimento não ocorreu, o preço da ação caiu e depois ficou mais baixo ainda, porque o mercado piorou no geral”, explica Bassan. Sobre a análise de novas ações, o executivo recomenda ao investidor buscar os dados financeiros da companhia e sempre olhar o prospecto preliminar do processo de IPO para saber se está diante de uma boa empresa. “Penso que todo mundo tem de ler o prospecto, fazer sua diligência, entender as condições de crescimento da companhia e entender as condições do mercado. Talvez essa seja a melhor forma de encontrar uma boa empresa que está abrindo capital para investir.”

“Depende muito de como vai ficar o cenário americano; a única coisa que dá para dizer é que o cenário está incerto (para novos IPOs)”

Desvalorização

Principal indicador da B3, Ibovespa acumula queda de 4,91% desde o início do ano